

Diário do Comércio – 09/02/2010

Faltou gente para ligar a luz

<http://www.dcomercio.com.br/Materia.aspx?id=38516>

Renato Carbonari Ibelli

Os pequenos apagões que vem ocorrendo na cidade são atribuídos a queda de árvores e falta de pessoal.

Na última sexta-feira, depois de mais um dia de fortes chuvas, caiu a energia na rua Ismael Neri, no bairro da Água Fria, zona norte da capital paulista. Ocorrência comum, não fossem a demora de quase 14 horas para o restabelecimento do serviço, a impossibilidade de contato com o serviço de atendimento ao consumidor da AES Eletropaulo e o fato de várias ruas de pelo menos outros 16 bairros por toda a cidade sofrerem com problema igual ou pior (alguns lugares chegaram a ficar 48 horas sem energia). Tudo isso depois de uma semana de chuvas intensas, muito calor e recordes de consumo de energia batidos a cada dia.

As "pequenas ocorrências" fizeram grandes estragos. Tanto que o governador José Serra chamou as concessionárias a darem explicações. E elas correm o risco de levar multas de até R\$ 3 milhões. Além da defesa do consumidor, a preocupação do governo tem também um motivo econômico. Muitos negócios foram prejudicados. Só na rua citada no começo dessa reportagem, por exemplo, três restaurantes foram afetados no seu dia de maior movimento.

Problemas similares no interior do estado ainda causaram prejuízo ao agronegócio. Um deles levou uma granja do município de Tatuí a perder 20 mil frangos, mortos pela elevação da temperatura decorrente da falta de energia que afetou a refrigeração do ambiente.

Culpa só da chuva?

Os "apagões" localizados não foram consequência de problemas na geração da energia. Apesar das elevadas temperaturas - que fazem crescer o consumo de ar-condicionado - e da recuperação industrial, a geração está bem escalonada. Os reservatórios que abastecem o Sudeste estão com cerca de 75% das reservas preenchidas, ocupação suficiente para suportar o aumento da demanda por energia na região.

Segundo a AES Eletropaulo, responsável pela distribuição de energia para a capital paulista, os bairros da cidade de São Paulo ficaram às escuras por longos períodos devido ao grande número de árvores que caíram sobre as redes. Além disso, segundo a concessionária, alagamentos dificultaram o trabalho das equipes de manutenção da empresa. Justificativas que não convenceram o governo do estado, que deu 30 dias para que a empresa apresentasse um plano contra crises e cronogramas de investimentos. As desculpas da concessionária também foram criticadas pelo Sindicato dos Eletricitários de São Paulo (Stieesp), que defende que a falta de mão de obra foi a principal culpada pela demora no restabelecimento da energia.

Falta de mão de obra

Sérgio Canuto, diretor do Stieesp, diz que atualmente a AES Eletropaulo trabalha com um quadro de 2,5 mil funcionários operacionais, ou seja, aqueles deslocados para resolver os problemas na rua. Mas, de acordo com Canuto, seria necessário ao menos o dobro desse efetivo para atender a demanda de São Paulo, principalmente em situações emergenciais, como as causadas pelas chuvas da última semana. "Faltou mão de obra para atender a todas as ocorrências. De fato foi uma situação atípica,

com problemas em trechos da rede causados pela chuva e vento. Mas as equipes estão sobrecarregadas. A AES Eletropaulo já teve 11,2 mil funcionários, hoje possui 4,3 mil", diz.

A concessionária também opera com 6 mil funcionários terceirizados. Mas, segundo Canuto, eles não atendem emergencialmente.

Além da falta de efetivo, o diretor do sindicato afirma que a rede possui diversos trechos sensíveis a intempéries por falta de manutenção. "Há uma série de cruzetas podres e para-raios queimados que derrubam o sistema por causa das tempestades", denuncia.

Padrões de qualidade

Mas, a despeito dos problemas apontados, de acordo com **Claudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**, a AES Eletropaulo tem cumprido com os padrões de exigência estabelecidos pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). "Em regiões adensadas, como São Paulo, o nível de exigência é mais elevado do que no restante do País, mesmo assim, o histórico da empresa é positivo. O que não exclui a necessidade de a AES Eletropaulo prestar esclarecimentos mais amplos sobre os acontecimentos recentes", afirma **Sales**.

Suficientes ou não, os índices de qualidade da concessionária têm se mantido acima das exigências da agência nos últimos anos. A Aneel possui índices que medem constantemente a qualidade do serviço prestado no setor.

Os principais são os que medem a Frequência das Interrupções por Consumidor (FEC) e a Duração da Interrupção por Consumidor (DEC). Os indicadores da AES Eletropaulo estão positivos para os bairros em que ocorreram os recentes "apagões" na cidade, pelos resultados apurados no terceiro trimestre do ano passado, período do último levantamento divulgado.

Na Lapa, por exemplo, o FEC exigido é de 3,6 interrupções por consumidor no período. Mas a concessionária registrou 1,78 interrupções. Para a mesma região, o DEC exigido pela Aneel é de 4,2 horas para a correção da interrupção, mas a duração média no período foi de 2,22 horas.

Em Santana, outra região que sofreu com os blecautes, o FEC exigido no terceiro trimestre de 2009 foi 7. E o resultado obtido foi 3,15. O DEC exigido para a região foi 7 e o obtido foi 4,9.